

TRADIÇÃO, ETNICIDADE E MEMÓRIA COMO EDUCAÇÃO NA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS, EM SALVADOR.

Antônio Carlos Conceição Souza*

RESUMO: *Este artigo propõe-se a discutir o andamento da pesquisa encetada no Curso de Especialização em História e Cultura Afro-Brasileira. Parto da premissa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos como um território de experiências educativas, através das tradições de religiosidade, via a oralidade, gestualidade e corporalidade, transmitidas por uma memória de pertencimento étnico-religioso, fundado em um 'fazer – aprender' no dia-a-dia, no contato com os mais velhos e experientes. Essa antiguidade não se baseia em faixas etárias, mas no processo iniciático e de vivência na comunidade. Entretanto a Irmandade, nesse limiar do século XXI, vem incorporando novos elementos, na faixa etária considerada jovem, e o interesse principal deste artigo foi/é apreender o significado da Irmandade para estes, através de seus depoimentos. Destes emerge a continuidade da tradição da cultura afro-baiana, mesclada a um ser negro na Salvador atual.*

Palavras-chave: Unitermos: História; Educação; Tradição.

INTRODUÇÃO

Este artigo é vinculado à pesquisa que realizo no Curso de Especialização em História e Cultura Afro-Brasileira. Este curso é direcionado à capacitação e sensibilização de professores para atuar nas redes pública e particular de ensino, nos níveis médio e elementar, atendendo à antiga reivindicação dos setores ligados à cultura afro-baiana – ONG's, terreiros de candomblé, as vertentes do movimento negro, blocos e associações recreativo-culturais –, assim como uma tentativa de justiça ante as seculares práticas de alijamento e esquecimento das experiências dos negros africanos e seus descendentes na memória e na história brasileira.

O interesse surgiu pelo fato de pertencer, há onze anos, como irmão, à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, atuando, nos últimos dois anos -2003 e 2004 –, como preparador de candidatos a Crisma. Neste processo, questões de identidade – como e por que ter da escolha de pertencer a referida Irmandade – como questões mais direcionadas ao desejo de análise e interferência na realidade do ser negro em Salvador, como uma práxis transformadora de uma realidade preconceituosa e excludente, levaram à escolha deste tema quando da necessidade de elaboração de uma pesquisa acadêmica. Assim, a escolha de nossa temática reflete a junção de dois campos de estudo: história da educação e a questão do negro na Bahia.

Portanto esta pesquisa que visa atender ao formato de monografia, incide na premissa que a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos é um território de experiências educativas, que se dão através da continuidade de tradições afro-baianas, transmitidas pela prática da oralidade, gestualidade, corporalidade, expressas numa comunidade de religiosidade.

* Licenciado em Filosofia UCSal. Aluno do Curso de Especialização em História e Cultura Afro-Brasileira. Convênio entre a Fundação Faculdade Visconde de Cayru e a Associação dos Professores Licenciados da Bahia - APLB/Sindicato. Orientação da Professora Ione Celeste de Sousa. Doutoranda em História Social, no Programa de Estudos Pós-Graduados em História, na PUC/SP. Professora de Historiografia no IFCH, da UCSAL; de Antropologia Cultural e Antropologia da Educação no DCHF, UEFS/ Feira de Santana, Bahia.

Tomando a tradição da oralidade afro-baiana Bonvini (2001; p. 38), citando HÂMPETE BA, alerta que,

[...] ao contrário do que alguns poderiam pensar a tradição oral africana (e por extensão as demais) não se limita, de fato, a contos e lendas, ou mesmo a narrativas místicas e históricas [...]. A tradição oral é a grande escola da vida, cobrindo e envolvendo todos os aspectos. Ela é, ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência da natureza, iniciação à profissão, história, divertimento e recreação, sendo que qualquer detalhe pode permitir alcançar a Unidade primordial. Fundada com base na iniciação e na experiência, ela engaja o homem em sua totalidade, e, neste sentido, podemos dizer que ela contribui para criar um tipo de homem particular e para moldar a alma [...]¹.

Propomos, então, reconhecer que essas experiências são transmitidas por uma memória de pertencimento étnico religioso. Por isso, tomo como fonte principal os depoimentos de irmãos e irmãs pertencentes a esta Irmandade, considerando que permitem a apreensão da continuidade destas tradições e experiências de ancestralidade afro-baiana, como uma forma de educação, de prática pedagógica, constituída fora dos espaços formais da escola.

Tal perspectiva encontra-se na recém lançada coletânea de textos organizada por Boaventura e Silva (2004), na qual os autores discutem os espaços alternativos à educação de crianças negras em Salvador. Nesta publicação, homenagem aos dez anos de defesa do projeto de doutorado da professora Eugênia Lucia Nery, falecida em 1995, pioneira nesta abordagem, encontro um ponto de apoio para as minhas pretensões de problematizar a existência de outro “fazer educacional com ritos pedagógicos diferenciados, por especialidades dos territórios, porém convergentes para a transmissão e valorização da herança ancestral como afirmativa de identidade.” (BOAVENTURA, 2004, p 13).

Segundo Boaventura (op.cit, 2004, p 12), ao se propor pesquisar outros territórios de aprendizagem para a criança negra, além da escola formal, enriquecendo a vertente tematizante da identidade ou da diferença negra relacionada com a educação, estudos² apontam ser e ter suas práticas perpassadas pelo preconceito racial e pelo racismo, Nery discutiu que,

No fundo, a problemática contrastou e chegava mesmo a contestar a educação escolarizada ante outras formas de educação não formais, mais adaptadas ao modo de vida e de proceder, quer no terreiro de candomblé e na quadra do bloco, quer na roda de capoeira. Terreiro, quadra e roda são espaços, distritos, ambientes, modalidades e outras formas de educar com fundamentação cultural mais interativa. Eugênia Lúcia exemplificava com o respeito referencial e afetivo que o jovem aprendiz de capoeira dispensava sempre ao seu mestre, não ocorrendo o mesmo com a professora funcionária pública da escola estadual. Evidente que o tema de sua proposta apontava para a educação não formal e mesmo informal.

Entretanto, nessas territorialidades que têm sido estudadas de diversas maneiras, principalmente o candomblé e a capoeira, falta uma das mais tradicionais – as Irmandades religiosas. Consideramos que talvez o enfoque da maioria desses estudos, que ora são publicados a educação da criança negra não tenha olhado as Irmandades Negras como foco, por serem as irmandades tradicionalmente territórios de “gente grande” .

¹ - BONVINI, Emílio. *Tradição oral afro brasileira: as razões de uma vitalidade*. pp.38.

² - Ver, entre outros, os de SILVA, Ana Célia dedicados à discussão de estereótipos negativos sobre os negros nos livros didáticos do 1º. Grau.

Neste território incidiu o nosso olhar, procurando primordialmente compreender o porquê da vitalidade da Irmandade do Rosário dos Pretos, que vem incorporando jovens, tanto nas famosas missas das terças-feiras, em louvor a Santo Antônio do Categeró, como pela chegada de novos elementos para as devoções institucionalizadas – Nossa Senhora do Rosário; Santa Bárbara; Santo Antonio do Categeró e São Benedito – como na Irmandade, buscando um fazer pedagógico, exercitado e praticado nesses espaços.

Para tanto, realizamos um piloto de cinco entrevistas, realizadas no mês de agosto de 2004, com irmãos e irmãs jovens – na faixa etária dos dezoito aos trinta anos - em processo de integração ou recém professores na Irmandade, buscando apreender o porquê de pertencer à Irmandade; como é a vivência na Irmandade; e como ser da irmandade do Rosário dos Pretos reflete no dia-a-dia. As perguntas foram feitas e respondidas, inicialmente, por escrito, em razão da resistência encontrada para o depoimento oral, em um primeiro momento. Porém estamos em andamento para, após este contato, iniciarmos a coleta de depoimentos orais, com gravador.

HISTÓRICO DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS

Apesar da sua importância como *locus* de alianças, sociabilidade e resistência dos negros em Salvador, a Venerável Ordem 3ª. do Rosário de Nossa Senhora às Portas do Carmo, dos Homens Pretos, foi até hoje muito pouco estudada. Apenas um trabalho de Bacelar e Souza (1974) e a dissertação de Farias (1997) enfocam especificamente a mesma. Ambas até o limiar do século XX, época em que este tipo de instituição, no geral, entrou em declínio.

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos foi criada³ no século XVII por africanos, escravizados, de origem étnico lingüística Bantu, sendo inicialmente formada por pretos, africanos de Angola, região que a historiografia atual aponta ter cultos católicos de louvor a Nossa Senhora⁴. Congregavam institucionalizadamente, inicialmente, em capela interna à Igreja da Sé, a partir de 1685. É, desde este momento, uma instituição leiga.

Crescendo a Irmandade, expandiu-se a ponto de permitir a criação de uma ermida própria, entre 1703 e 1704, em terreno na subida da ladeira que liga o cruzamento das descidas da Rua do Passo e Rua do Carmo ao Terreiro de Jesus, atual ladeira do Pelourinho, ao lado esquerdo de quem sobe.

A tradição oral aponta que sua construção ocorreu pelo esforço conjunto dos irmãos que, além do dinheiro necessário à aquisição do material, nos horários de descanso do jornal e do ganho, colocavam suas habilidades de artistas e artesãos, no trabalho pesado de transporte de material, a serviço de Nossa Senhora, na edificação da Igreja.

Edificada, sofreu o assédio da branca Irmandade de Nosso Senhor do Passo, cuja freguesia foi desmembrada da Sé em 1718, sem ter ainda sede própria. Acolhida no Rosário dos Pretos, os paroquianos do Passo quiseram apropriar-se da Igreja dos pretos, demanda que só foi resolvida em 1726, após processo junto ao governador da Colônia, o visconde de Sabugosa. Podemos encontrar aqui um dos exemplos da resistência e da capacidade estratégica dos negros, em defesa de suas tradições.

As Irmandades em Salvador constituíram-se, do século XVI ao final do século XIX, em territórios privilegiados de alianças sociais e culturais, perpassadas pelas diferenças étnico-raciais e econômicas que estruturavam a sociedade soteropolitana. Assim, pretos, pardos,

³ - Este breve relato baseia-se no trabalho de BACELAR, Jéferson e SOUZA, Maria da Conceição. O Rosário dos Pretos do Pelourinho. Colaboração ao I Seminário de Estudos sobre o Nordeste. Salvador. 1974.

⁴ - Ver ALENCASTRO, Luis Felipe. O Trato dos Videntes. São Paulo. Companhia das Letras. 2000.

mulatos e brancos tinham irmandades separadas, expressando as diferenças do cotidiano, a partir da classificação fenotípica, uma das bases desta sociedade.

Segundo Reis (1991, p 137), quase toda a população pertencia a algum tipo de irmandade até o século passado, pois estas tinham as funções de preparar e executar os rituais da morte; ajudar os irmãos doentes e seus parentes; formar caixas mutualistas, que podiam ser usadas como fundo de alforrias para os irmãos cativos, no caso das irmandades de Homens de Cor. Isto no Estatuto, pois, no cotidiano, as irmandades tinham uma outra função, tão essencial quanto estas.

Era no seu espaço que também se gestavam e promoviam práticas de sociabilidades, que permitiam a continuidade e transmissão de saberes tradicionais afro-baianos. Tradições africanas resignificadas na experiência da diáspora da escravização, pois “[...] eram centros de intensa vida social instituições assistenciais, que garantia não apenas a vida, mas também uma morte decente” (OLIVEIRA, 1988, p 81).

Assim, apesar de inicialmente restringir os irmãos aos Angola-Bantu, paulatinamente a Irmandade do Rosário dos Pretos abriu seus quadros ao Gêges, originários do Daomé, tanto que o Estatuto de 1820 dispõe que, nos cargos da mesa diretora, deve haver rotatividade entre estes grupos.⁵ No decorrer do século XIX, provavelmente pelo aumento da densidade de negros de origem Yorubá, resultante da dinâmica do tráfico que passou a comercializar mais africanos da região sudanesa, a Irmandade passou a aceitar irmãos das etnias desta região, genericamente conhecidos como *nagô*⁶.

Porém, com as transformações sócio-culturais e econômicas do final do século XIX, entre elas a Abolição da Escravidão, que modificou pelo menos, o estatuto legal de boa parte da comunidade negra, as Irmandades que já vinham sofrendo mudanças nas suas funções, portanto nos seus significados para a população. Desde a proibição de enterros em solo interno das igrejas, passam por novas transformações e por uma progressiva decadência nos seus quadros. Este período, na história das irmandades, ainda aguarda estudos e pesquisas que os iluminem.

SER IRMÃO DO ROSÁRIO: UMA APRENDIZAGEM NA TRADIÇÃO.

Nosso estudo está inserido no atual campo da história da educação, em uma perspectiva que visa dar voz àqueles que sempre estiveram na periferia da história, rompendo o silêncio secular que calava e negava as experiências de todos os que não se enquadram ao modelo do branco, macho, de elite. Então, é uma proposição que almeja democratizar o construir historiográfico, na qual os excluídos passam a ter direito a ele. Uma história problematizada, onde ficam evidenciadas as descontinuidades do processo histórico e eliminam-se as noções de superioridade e de cultura.

Nosso interesse é por uma história cultural da educação que discuta que “[...] os valores educacionais de um período histórico são muito instrutivos, já que não só revelam o tipo de pessoas que aí são criadas, como também os próprios valores daquela cultura”. (FONSECA, 2003, p 53) assim como “[...] as mediações e os mediadores, no sentido estrito de uma difusão instituída de saberes e de informações, mas também no sentido mais amplo, de inventário dos [...] suportes transmissores e dos fluxos de circulação de conceitos, de idéias e de objetos culturais” (idem, p 54).

⁵ - FARIAS, Sara Oliveira. Irmãos de cor, de caridade e de crença: a Irmandade do Rosário do Pelourinho, na Bahia do Século XIX. Salvador. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em História Social. UFBA. 1997.

⁶ - Sobre esta questão ver, entre outros, os trabalhos de RODRIGUES, Raymundo Nina. Os africanos no Brasil; VIANA, Luiz. O Negro na Bahia; REIS, João Jose. Negociação e Conflito e Rebelião Escrava na Bahia, edição revista de 2003; OLIVEIRA, Maria Inês. O liberto e seu Mundo: Quem eram os negros da Guiné?, e Viver e morrer no meio dos seus; MATTOSO, Kátia. Ser escravo no Brasil; ANDRADE, Maria José. A mão de obra escrava em Salvador.

Os processos de transmissão de saberes, por exemplo, atuam como poderosos mediadores culturais, esclarecendo questões importantes que envolvem processos educativos em diversos tempos e lugares, sendo “[...] indício dessa influência a larga utilização de conceitos como circulação e apropriação, saberes e culturas escolares, indicando uma preocupação de fundo com as práticas culturais” (FONSECA 2003, p 60), que propicia indícios a nossa discussão de uma prática pedagógica dentro do território da irmandade do Rosário dos Homens Pretos, fundada em outros cânones – o da aprendizagem da tradição afro-brasileira como nos propõe A, HAMPATE BÂ, (apud NERY, 2004, pp29)

Os que sabem: fazem, ensinam, vigiam, incentivam, demonstram, corrigem, punem, e premiam. Os que não sabem espiam na vida que há no cotidiano, o saber que ali existe, vêem fazer e imitam. São instruídos como exemplo, incentivados, treinados, corrigidos, punidos e premiados e, enfim, aos poucos aceitos entre os que sabem fazer e ensinar, com o próprio exercício vivo do fazer.

Pensar educação é então pensar também os seus condicionantes histórico-sociais; reconhecer que o viver dos homens, nas suas experiências, envolve vida e educação. O ser, o saber, o fazer, o conviver é uma mistura cotidiana de vida e educação. Assumir que a educação que é preenche de historicidade, existe onde quer existam estruturas sociais ou contatos relacionais de transferência do saber de uma geração para outra. Como prática, em qualquer organização comunal em que surjam formas sociais de condução e controle do ensinar e aprender, a educação está presente.

Um dos meios a esta observação é a própria ação e desenvolvimento dos grupos negros organizados. A existência do negro no Brasil e do negro brasileiro foi sempre marcada pela presença de grupos específicos que funcionaram e funcionam como pontos de reelaboração de valores culturais, restabelecendo a hierarquia, preservadores da memória identitária e reforçadores da auto estima. São grupos específicos, com uma dinâmica organizacional dotada de função social explícita e implícita, que revela, então, a existência de um fazer educacional concreto nesses organismos.

Estas agremiações culturais negras constituem-se em espaços alternativos de educação e socialização, assumindo a pedagogia, nesses locais, uma forma de luta político – cultural cuja missão é expandir a capacidade das pessoas, construir identidades, desenvolver condutas, habilidades e destrezas que lhes possibilite atuar de maneira responsável, solidária, crítica e democrática na sociedade.

Se alguns destes grupos já possuem a consciência desta sua prática, são precisas análises que desvendem outras práticas educativas, similares ou não, que apontem alternativas aos negros, fora da massificação e alienação padrão da educação formal atual, tanto na rede pública quanto na particular, fora os espaços informais, midiáticos, que impõem modelos estéticos e de culturais alienadores.

Atualmente, os grupos negros específicos da pós-modernidade – blocos afros e os setores da militância política negra – se articulam aos grupos tradicionais – o terreiro de candomblé, a roda de capoeira e de samba, as Irmandades negras – e ampliam suas atividades ao se envolverem com os grupos mais antigos de resistência, preservação e valorização da cultura negro-africana na Bahia.

A aproximação com esses territórios negros, nesta “Roma Negra que é Salvador”, permite a percepção de que, enquanto a escola formal educa para *branquificar*, o terreiro, a quadra e a roda, presumimos, a Irmandade dos Pretos, as *“negrificam”* através de um processo educacional. Uma forma diferente de educar, mas, inegavelmente, um processo ensino-aprendizagem, com métodos e técnica semelhantes aos de transmissão do saber nas sociedades

africanas tradicionais, pois, baseados no aprender a fazer fazendo, dentro da orientação dos mais velhos, seja pela idade, seja pela senioridade, como explica Azevedo (2004, p.61).

Bem verdade, é que há detalhes desta aprendizagem que só se aprende fazendo. [...] a Mãe de Santo aprende lá dentro do quarto do axé. Aliás se aprende sempre, Eu estou sempre aprendendo. Aprendo com filh de sato e até com abiã. Aprende-se não se sabe como. Esta é a magia do Candomblé. É aí que se dá transferência do saber de geração à geração. Tia Cantu⁷ costuma dizer que: “coisa que menino canta, gente grande já cantou”.

Tal prática pedagógica é apreensível no Rosário, no depoimento de uma das irmãs:

Minha convivência na irmandade é a melhor possível eu procuro ouvir mais do que falar. Estou sempre buscando conhecimento sobre a nossa entidade, sempre que posso estou ajudando em alguma coisa, **e se tenho algum problema eu procuro sempre uma das pessoas das mais velha para me orientar** e assim estou vivendo muito bem com minha entidade. (Entrevista 4)

Também em um segundo depoimento,

Bom a convivência é de uma grande família de tios irmão; pai, mãe. É tão bom você sentar com uma pessoa mais velha e conversa com você lhe dar conselhos, puxão de orelha se eu estiver errada reclamações se for necessário, sorrir e chorar. É você sentar no fundo do quintal e prestar atenção nas coisas mais simples como olhar a folha do pé de carambola caindo é você sentir-se feliz em passar o dia de domingo quase todo na igreja. (Entrevista 01)

Entretanto, segundo Nery (2004, p. 24), as sociedades, como a baiana/brasileira, onde a discriminação e o racismo estão presentes na educação, podem ser caracterizadas como sociedades ‘fechadas’, “[...] as que na contemporaneidade, mantêm a conservação de uma elite que se impõe ao povo. Uma sociedade em que, a permanência do *status* ou privilégio, desenvolve um sistema educacional mantenedor de *status*”.

O Brasil, neste contexto, apresenta a característica de ser uma sociedade que ser branca, apesar de ser a segunda nação negra do mundo – cerca de cinquenta milhões de pessoas são de origem africana, especialmente na Bahia onde alguns afirmam, extra IBGE, ser 80% da população de negros-pretos e mestiços.

Ao observar as alternativas de educação da criança negra, Nery apontou que elas confrontam com o que a educação formal lhe oferece, pois, mesmo que as formas alternativas também trabalhem elementos da escola, elas preservam a identidade da criança negra, fornecendo referenciais sócio-históricos, étnicos que valorizam sua negritude, percebido, também, nos depoimentos dos entrevistados ao afirmarem que a vivência na Irmandade do Rosário dos Homens Pretos os levou a sentir orgulho de ser negro, ou a repensar o ser negro no seu dia-a-dia.

Ele (Albérico) me ensinou quê se dizer negro é muito fácil. Vivenciar o dia a dia do negro é que é o grande diferencial. Ter atos e ações, firmar posições de valorização de minha raça lembrar e celebrar nossos ancestrais, as suas (e que ainda são nossas) sagas. História de vida e dores (Entrevista 03).

⁷ Cantulina Pacheco, Yalorixá baiana, durante muitos anos radicada no Rio de Janeiro. Uma das remanescentes das filhas de santo de Anna Eugênia dos Santos, Yalorixá, fundadora do terreiro de candomblé Ilê Axé Afonjá, em 1911. Falecida em junho de 2004 com 104 anos de idade.

Ou,

Eu me sinto muito orgulhosa como uma irmã do Rosário. [...] Pois fico muito honrada quando alguém me pergunta qual a entidade que eu frequento e eu repondo que é o Rosário dos Pretos. (Entrevista 04)

Isto permite reafirmar que os negros formaram grupos específicos de resistência, durante o regime escravista e pós-abolição, para sobreviver e garantir-se contra o processo de compressão e peneiramento econômico, social e cultural que as classes dominantes lhes impuseram.

Destes grupos, as Irmandades católicas de negros fizeram parte, e agora, na pós-modernidade, atuam na tradição e nas resignificações do ser negro.

Bom as pessoas me perguntava no começo o que é que eu tanto perdia na igreja e até me chamavam de barata de sacristia pois eu ia para a igreja terça-feira as vezes sábado e o domingo quase o dia todo. Minha família, meu ex-namorado e todo o mundo me cobrava o porque de eu passar todo o domingo na igreja. Meus colegas de trabalho achavam que na terça-feira eu não ia para a igreja e sim para famosa Benção. Não acreditava que eu iria realmente para a igreja. Quando perguntam “você vai para aonde” que eu dizia que ia para igreja, as pessoas perguntavam se eu sou crente, eu não entendia o porque desse preconceito. Pois só porque vai para a igreja é crente. (Entrevista 1).

Em relação às territorialidades negras, notadamente o candomblé e a capoeira já apresentam uma vasta produção bibliográfica. Contudo os estudos não tratam de forma explícita o fazer pedagógico efetivado nesses espaços. Assim, ao lermos os depoimentos dos irmãos e irmãs do Rosário, chama bastante a atenção essa similaridade com o processo educativo dos candomblés, conforme texto/depoimento da mãe de santo, senhora Stella Azevedo,

Na comunidade cada um tem seu papel bem definido, para desempenhar de acordo com os seus orixás, cargos ou tempo de iniciação. É uma ordem estabelecida. É a essência da tradição que mantém viva a nossa religião. É a educação de axé. É a passagem do conhecimento no momento exato. Isso significa dizer que educação, inclusive a educação doméstica tradição e hierarquia andam juntas dando sentido à religião dos orixás. Nossa vida dentro do Axé é totalmente diferente da vida lá fora. E tradição neste sentido pode ser tomada até como sinônimo de resistência.[...]

Como a iniciação é feita praticamente por etapas: obrigação de três anos, obrigação de sete anos e outros isto implica numa certa parcimônia no saber. A educação é lenta entretanto perfeita. O iniciado é visto como uma criança que cresce e caminha na proteção dos mais velhos tenha este a idade cronológica que tiver.” (AZEVEDO, 2004, p 59 e 60)⁸

Palavras e experiências similares no depoimento dos irmãos do Rosário e no texto da mãe de santo, apontando para a existência de um modo pedagógico de tradição afro-brasileira, fundado nas experiências do saber - fazer, e presente nas organizações e territórios vivenciados pelos negros.

⁸ - Os grifos são nossos, para enfatizar os aspectos propostos no enfoque do artigo.

No Axé se cresce como numa família de sangue. É um crescimento dia-a-dia. [...]p 62. A cada dia acontece uma lição de vida. Aprende-se tudo, comunicação com os mais velhos, com os mais novos, o trabalho em grupo fazendo-se o que gosta ou que não gosta; e sobretudo aprende-se o gosto pela vida, numa estreita relação com o Orixá. (AZEVEDO, 2004, p 63).

Ou,

Como em toda boa família, em especial as grandes e numerosas a vivência e convivência é turbulenta com momentos de extrema alegrias e satisfação e outros de decepções e incompreensões. Nos dias atuais, poucos são os grupos que se mantém unidos fora dos “muros” da casa. (Entrevista 3).

Ou ainda,

Eu tento aprender a conviver com varias naturezas e pensamentos diferentes. **É um treinamento diário que requer paciência por que não e facil viver com tantas pessoas.** Porém tentamos andar para o mesmo lado que a Igreja e a religiosidade. (Entrevista 2)

CONCLUSÃO

Nesta breve e inicial discussão, podemos perceber que realmente as agremiações culturais negras podem constituir-se em espaços alternativos de educação e socialização. Para tal, deve-se incentivá-las a assumir, de forma consciente e explicita, uma pedagogia que se configure como uma forma de luta político – cultural, cuja missão é habilitar e capacitar os negros a atuar de maneira responsável, solidária, crítica, apropriada para se desenvolver uma sociedade pluralista.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Maria Stella de. Fé e cidadania. In: BOAVENTURA, Edivaldo e SILVA, Ana Célia. (org). **O terreiro, a quadra e a Roda: formas alternativas de educação da criança negra em Salvador.** Salvador. Coletânea de Textos da FACED/UFBa.2004.

BACELAR, Jeferson e SOUZA, Maria da Conceição. O Rosário dos Pretos do Pelourinho. Colaboração ao **I Seminário** de Estudos sobre o Nordeste. Salvador.1974.

BOAVENTURA, Edivaldo e SILVA, Ana Célia. Apresentação. In: **O terreiro, a quadra e a Roda: formas alternativas de educação da criança negra em Salvador.** Salvador. Coletânea de Textos da FACED/UFBa. 2004.

BONVINI, Emílio. Tradição oral afro brasileira. In: **Revista Projeto História.** Volume Historia e Oralidade. N.º 22. 2001. Ed. EDUC. PPGHS. PUC /SP. São Paulo.

FARIAS, Sara. Irmãos de cor, caridade e de crença: a Irmandade do Rosário do Pelourinho na Bahia do século XIX. Salvador. Dissertação de mestrado. PPGHS/UFBA. 1997.

FONSECA, Thais Nívea. História da Educação e História Cultural. In: VEIGA, Cynthia e FONSECA, Thais. (org) **História e historiografia da Educação no Brasil**. BH. Ed. Autentica, 2003.

GUIMARÃES, Elias Lins. Ilê Aiyê: insurgência e conhecimento na tradição cultural negra. In: BOAVENTURA, Edivaldo e SILVA, Ana Célia. (org) In: **O terreiro, a quadra e a Roda: formas alternativas de educação da criança negra em Salvador**. Salvador. Coletânea de Textos da FAGED/UFBa.2004.

HAMPETÉ BÂ. A. A tradição viva. In: Ki-Zerbo (org). **História Geral da África**. São Paulo. Ed. Ática./ UNESCO. 1968.

NERY, Eugênia Lúcia Viana. Proposta de pesquisa para o doutorado: formas alternativas de educação da criança negra em Salvador: o terreiro, a quadra e a roda. In: BOAVENTURA, Edivaldo e SILVA, Ana Célia.(org) **O terreiro, a quadra e a Roda: formas alternativas de educação da criança negra em Salvador**. Salvador. Coletânea de Textos da FAGED/UFBa.2004.

OLIVEIRA, Maria Inês. Viver e morrer no meio dos seus. **Revista Dossiê USP**. São Paulo. Numero 28. pp 174-193. 1995.